



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A REPRESENTAÇÃO DO AMOR E DA HONRA EM *JÚLIA OU A NOVA HELOÍSA*

Simone dos Santos Alves Ferreira (Mestranda PPGL/UFPB/Bolsista CAPES)
Orientadora: Dr^a. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (PPGL/UFPB)

Jean-Jaques Rousseau valorizava o sentimento como fundamento da existência humana, acreditando que o homem nasce essencialmente bom e ao ter contato com a sociedade predispor-se à depravação. Por isso, defende que a formação do homem natural dar-se no seu lar, próximo aos familiares. Pensador do século XVIII é considerado um dos precursores do romantismo francês, escreveu diversas obras dentre elas o romance epistolar intitulado *Júlia ou a Nova Heloísa* em 1760, que teve muita repercussão no período tornando-se a obra de ficção mais popular da França. Inspirado na história medieval dos jovens Abelardo e Heloísa, o romance apresenta o relacionamento amoroso, chegando a ser platônico, de Júlia e Saint-Preux que em razão do dever não é concretizado. Além de trazer o amor como a essência do romance, há ainda temas voltados para o valor da amizade, a importância do convívio familiar e de uma vida simples.

A personagem Júlia, foco do nosso estudo, é apresentada como uma moça de família abastada da alta nobreza suíça, filha de um importante barão, o senhor D'Etange que se preocupa bastante com a aparência que tem que passar diante das pessoas em sociedade. Saint-Preux homem extremamente sentimental, apaixona-se por Júlia ao ir à sua casa instruí-la a pedido de sua mãe, pois era professor de filosofia. A partir das aulas, começa a paixão amorosa entre eles, porém como Saint-Preux não pertencia à nobreza não obteve a aprovação do pai de Júlia. Mesmo assim, continuam com as aulas e cada vez mais o amor crescendo entre eles. Júlia lida com esse amor de forma racional não deixando levar-se pelo desejo. No entanto, tudo muda quando ela é prometida em casamento a um homem mais velho, o Sr. De Wolmar, como pagamento de uma dívida de seu pai. Haja vista esse empecilho, os amantes são separados e passam a sofrer constantemente pela não concretização do sentimento, e por isso encontram um meio para se comunicar, que é através de cartas. Essas cartas enviadas



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

pelos dois amantes configuram grande importância para a compreensão dessa história.

A partir desse momento, os apaixonados percebem que precisam separar-se, pois Júlia terá que ceder à vontade do pai e casar com um homem bem mais velho que ela. Diante do desespero, Júlia escreve ao seu amado declarando seu amor por ele:

“[...] Desde o primeiro dia em que tive a infelicidade de ver-te, senti o veneno que corrompe meus sentidos e minha razão, senti-o no primeiro instante e teus olhos, teus sentimentos, tuas palavras, tua pena criminosa o tornam a cada dia mais mortal”. (ROUSSEAU, 1994, p. 51).

Percebemos que o amor para a personagem Júlia é algo transcendental, puro e divino e a honra uma das maiores virtudes. Portanto, sendo caracterizada como uma mulher casta, de sentimentos puros e verdadeiros, capaz de sacrificar seu amor para não ferir e nem desonrar o seio familiar.

Após o acordo de casamento feito pelo pai, Júlia tem a possibilidade de fugir com Saint-Preux, porém renuncia ao seu amor, tendo em vista o mal que causaria a sua família ao não obedecê-los. Primeiro, porque os amava incondicionalmente para cometer tamanho desgosto, segundo por saber que seu pai era muito severo e ter muitas influências e por isso, não os deixaria viver em paz. Assim, prefere ceder aos clamores do dever e da virtude, principalmente, para não ser desonrada ao sair de casa com um homem sem casar. A respeito disso, em uma carta ao amado Júlia profere as seguintes palavras:

“[...] Eu poderia, sei-o, adiar esta confissão de meu desespero; poderia, durante algum tempo, disfarçar minha vergonha e ceder aos poucos para iludir-me a mim mesma. Esperteza vã que poderia lisonjear meu amor próprio e não salvar minha virtude. Ora, vejo demasiadamente bem, sinto demasiadamente bem para onde leva o primeiro erro e não procurava preparar minha ruína, mas evita-la”. (ROUSSEAU, 1994, p. 51).

Nesse fragmento, percebemos que a personagem confessa ao amado quão difícil está sendo tomar a decisão de casar-se com outro sem amor. Porém, por ser tão altruísta deixa de fazer sua vontade em razão de um capricho alheio, já que seu pai foi tão egoísta não levando em conta os sentimentos da filha para manter a aparência de homem influente no meio social. A partir daí, Júlia para manter a honra do pai se submete ao casamento deixando de lado o



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

amor próprio.

Ao refletir sobre as consequências de desobedecer ao pai chega à conclusão que o remorso permaneceria em sua consciência e a dor de ter violado os laços familiares seria insuportável ao seu viver. Por isso na carta VIII da segunda parte menciona:

[...] Quem eu? Abandonaria impiedosamente aqueles através do qual respiro os que me conservaram a vida que me deram e ma tornam cara, aqueles que não têm outra esperança, outro prazer senão em mim? [...] Eu, sua única filha, deixá-los-ia sem assistência na solidão e nos aborrecimentos da velhice, quando é o momento de devolver-lhes os ternos cuidados que me prodigaram? Entregaria seus últimos dias à vergonha, aos pesares, ao pranto? O terror, o grito de minha consciência agitada pintar-me-iam sem cessar meu pai e minha mãe expirando sem consolação e amaldiçoando a filha ingrata que os abandona e os desonra? Não [...] A virtude que abandonei abandona-me por sua vez e nada mais diz a meu coração, mas esta ideia horrível fala-me em seu lugar, ela me seguiria, para meu tormento, em cada instante de minha vida e tornar-me-ia infeliz no seio da felicidade. Enfim, se for meu destino entregar o resto de minha vida aos remorsos, somente esse é por demais terrível para suportar, prefiro enfrentar os outros. (ROUSSEAU, 1994, p. 192).

Aqui fica explícita a sua decisão, pois a partir desse momento deixaria aquele que fora o grande amor da sua vida para se envolver nessa nova vida que surge. Precisaria mudar para cumprir com os seus deveres de esposa e, posteriormente de mãe. Apesar da separação, os amantes não perdem totalmente o contato, já que continuam a se comunicar por cartas, muitas vezes por intermédio de Clara, amiga e confidente de Júlia.

Ele faz longas viagens pelo mundo, ela tem filhos com o esposo e vive feliz. Já amadurecera seus sentimentos e aquele intenso amor que sentia por Saint Preux se transforma em amor fraterno, numa amizade inigualável. Porém, quanto ao personagem, ainda sentia um imenso amor por Júlia, não esquecera ela e ainda nutria um intenso desejo de poder reencontra-la.

Rousseau como um pré-romântico traz em sua obra traços do Romantismo, principalmente, quanto à maneira como elabora a personagem feminina. Júlia é exposta no romance como uma mulher recatada, dotada de virtudes que a tornam muitas vezes, inacessível e venerada diante do ser amado, intitulada como a perfeição, aquela que erradia beleza e divindade. Essa idealização da mulher no romantismo, encontra-se num patamar celestial em que a mesma é vista aos olhos do seu amado como anjo que geralmente purifica,



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

enobrece e edifica o coração do homem, tornando-se sua conselheira e inspiradora.

Observamos através das cartas trocadas entre os amantes um amor puro e cortês, em que o homem contempla e adora aquela que o inspira. Aos olhos do amado, Júlia através do amor tornou-se diferente das outras mulheres, sendo dessa maneira, digna de ser imaculada por ser caracterizada como uma santa. Assim, relata o narrador: “[...] para uma mulher comum qualquer homem é sempre um homem, mas para aquela cujo coração ama não há outro homem a não ser seu amante” (ROUSSEAU, 1994, p. 133). Com isso, constatamos a pureza do amor angelical, digno de fidelidade, um amor espiritual. De tal modo, há uma idealização da mulher a ser venerada, e uma grande importância ao amor, à honra e a fidelidade a um sentimento puro que aguça a simplicidade da mulher, tornando-a uma deusa intocável.

Nas cartas enviadas por ambos, percebemos essa exaltação pela mulher amada, a santificação, a idolatria por um amor do qual existe uma entrega total, apesar de ambos terem a certeza da não concretização do amor, apenas num plano celestial, tal como o narrador destaca: “[...] não viveremos muito tempo separados, o Céu unirá nossos [...] corações na morada eterna”. (ROUSSEAU, 1994, p. 171).

O amor apresenta-se como um sentimento casto, o mais respeitável de todos os laços. A partir disso, ressalta que saber amar não é simplesmente dizer ao outro que o ama, mas sentir, viver intensamente esse sentimento de forma que não existe ninguém no mundo capaz de quebrar esse elo divino. Embora, ressaltemos que esse amor entre Júlia e Saint-Preux não fora consumado.

Ao passar dos anos, o senhor de Wolmar, - sabendo da história amorosa da esposa, inclusive tinha acesso às cartas dos amantes – convida Saint-Preux para visitá-los e tornar-se professor de seus filhos. Nesse momento, os jovens amantes se reencontram, porém mais experientes e certos de que só poderia haver amizade e respeito entre eles, já não se pertenciam. Saint-Preux passa algum tempo com eles, e em um determinado momento fica a sós com Júlia, já que Wolmar havia saído e tinha plena confiança na esposa. Eles têm a oportunidade de recomeçar aquele amor que sentiam um pelo outro, mas para Júlia a honra é a maior das virtudes e ela não mancharia seu lar com elevada desonra.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

[...] seu marido estava de partida, ficávamos sós, nossos corações haviam-se amado, ainda o lembravam por um momento se tivessem descuido tudo nos entregaria ao opróbrio. Eu via com toda clareza, que ela temera está a sós comigo e procurara defender-se. [...] Ela rodeava-se da majestade suprema, eu via Deus continuamente entre ela e mim. Que desejo censurável teria podido transpor uma tal salvaguarda? Meu coração purificava-se ao fogo de seu Zelo e eu partilhava sua virtude”. (ROUSSEAU, 1994, p. 512).

Júlia, sempre atenta procura fazer com que o amigo compreenda a nova realidade, que não só o amor importava, mas também a amizade e o respeito. Para Júlia, o amor ultrapassa as fronteiras do desejo, pois o verdadeiro amor é adquirido no convívio familiar, em não pensar apenas em si. A honra por sua vez, contribui para a dominação da vontade que leva à felicidade, para compreender que a busca pelo prazer leva as pessoas a se enganarem e sofrerem posteriormente por ações impensadas. Ao analisarmos o perfil dessa personagem, observamos que para encontrarmos a verdadeira felicidade devemos nos deixar levar pela essência e não pela aparência.

Saint-preux apesar de deixar-se levar pela emoção, ao contrário de Júlia, que buscou resolver todos os pormenores de sua vida regrada pela razão, respeita a sua casa e mesmo em muitos momentos querer se aproximar dela, leva em conta a amizade que tem pelo seu esposo, e pela família da mulher que ama. Em razão desse amor tão verdadeiro afirma:

“Como! perturbaria eu essa ordem amável que admirava com tanto prazer? Mancharia essa casa de inocência e de paz que admirava com tanto respeito? Poderia ser suficientemente covarde... ora, como o mais corrompido dos homens não seria tocado por um quadro tão encantador? Como não readquiriria nesse asilo o amor pela honestidade? Cara amiga, abri-me vossa casa sem medo, ela é para mim o templo da virtude, vejo em toda parte sua imagem augusta e somente a ela posso servir junto a vós. Não sou um anjo, é verdade, mas habitarei a morada deles, imitarei seus exemplos; foge-se deles quando não se quer assemelhar-se a eles”. (ROUSSEAU, 1994, p. 583).

Diante disso, podemos dizer que há um amor puro, uma veneração pelo ser amado e um respeito incomparável a quem se ama, mesmo que esse sentimento tão casto não seja consumado. Saint-Preux encanta-se pela virtude apresentada por Júlia, aproveita da estadia nesse lar harmônico para encontrar-se, buscar um novo caminho para se desvincular desse passado que tanto o atormenta.

É impressionante como a devoção de Júlia à sua família é incomparável, o respeito



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

pelo esposo e como ao longo do tempo aprendeu a conviver com um homem sem amor e aos poucos desenvolver por ele um sentimento que não era um amor arrebatador como sentiu por Saint-Preux, mas que era um amor companheiro, respeitador que inspirava confiança e encanto. Júlia foi fiel ao esposo até o último dia de sua vida, porém ao morrer deixa uma carta a Saint-Preux:

Iludi-me por muito tempo. (...) Sim, em vão quis abafar o primeiro sentimento que me fez viver, ele se concentrou em meu coração. (...) Meu amigo, faça essa confissão sem vergonha, este sentimento que permaneceu apesar de mim foi involuntário, ele nada custou à minha inocência, tudo o que depende de minha vontade escolheu meu dever. Se o coração, que dela não depende, vos escolheu, isso foi meu tormento e não meu crime. Fiz o que tive de fazer, fica-me a virtude sem mácula e ficou-me o amor sem remorsos. (p. 634)

Neste fragmento da carta, observamos a confissão de Júlia, afirmando que sempre amou Saint-Preux, porém entre o dever e a vontade, o dever prevaleceu. Ao trazer seu amado para sua casa tem a possibilidade de tê-lo apenas como amigo, um membro da família. Isso é relevante para compreendermos quão grande era o amor entre eles, pois apenas o estar próximo era suficiente para alimentar esse sentimento tão sublime.

Assim, enfatiza-se que muitas vezes temos que abrir mão do amor, para tornar-se digno de algo maior, a honra e a virtude, que se traduz em amor ao próximo. Júlia deixa transparecer nessa carta que cumpriu seu dever, amou de forma incondicional e honrou aqueles que a conceberam e ao seu esposo e filhos. Viveu orientada pela honra que a tornou uma mulher extremamente altruísta, sendo feliz bastando-se a si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após, essa breve análise acerca do romance *Júlia ou a nova Heloísa* (1994), observa-se que o amor, aparece como uma virtude e, por isso mesmo, nobre e edificante. A honra, como respeito, obediência, submissão e, sobretudo, amor e consideração a quem se ama.

Através, desse romance notamos como constituintes temáticos as práticas sociais, os costumes, os comportamentos e os ideais de uma época. Observou-se o amor e a honra como cerne constituinte da realização plena do ser humano.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

E por fim, o exemplo de virtude e autocontrole de Júlia que a tornam uma mulher diferente, que não cede aos desejos carnis e vive uma vida impecavelmente baseada nos princípios da castidade, do amor ao próximo, valorizando a essência das coisas e das pessoas.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

REFERÊNCIAS

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou A nova Heloísa*. Trad. Fúlvia Moretto. Campinas: Unicamp, 1994.

Acesso em: 02/06/2014

Disponível em:

<http://www.unicamp.br/~jmarques/cursos/2000rousseau/em.htm>

http://www.ufsj.edu.br/portalrepositorio/File/existenciaearte/Edicoes/4_Edicao/artigo_a_questao_da_transparencia_mande_i_mail_val_.pdf

www.unicamp.br/~jmarques/gip/.../cd-pag-texto-23.htm

www.revistadeletras.ufc.br/rl27Art05.pdf